Universidades

www.jornaleconomico.pt Boletim de informação académica



INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

U.Porto cria disciplinas 'fora da caixa' com aulas na Casa da Música e no Teatro São João

São cinco novas disciplinas transversais destinadas aos alunos de licenciatura e mestrado que querem abrir horizontes para além da formação específica do curso que frequentam.

ALMERINDA ROMEIRA

aromeira@jornaleconomico.pt

Assistir a ensaios e falar com músicos, compositores e maestros, acompanhar concertos ao vivo e ter aulas de introdução à história da música... na própria Casa da Música. Isto é real e faz parte de uma disciplina que se ensina a partir do segundo semestre deste ano na Universidade do Porto.

Num passo pioneiro de inovação pedagógica em Portugal, a U.Porto criou disciplinas transversais para os alunos de licenciatura e mestrado que querem abrir horizontes para além da formação específica que frequentam. A oportunidade é dada aos alunos das 14 faculdades que integram a Universidade.

"Acredito que o contacto dos estudantes com as indústrias criativas lhes proporcionará um melhor entendimento do importante papel que cumpre a cultura, na nossa sociedade, podendo, inclusivamente, abrir-lhes perspectivas profissionais em que não tenham antes pensado", afirma Fátima Vieira, vicereitora da U.Porto para a área da Cultura, ao IE Universidades.

São cinco as novas disciplinas. As três primeiras resultam de protocolos assinados entre a Universidade e instituições de relevo da cidade Invicta. Além da Casa da Música, também o Teatro Nacional de São João e o Museu Nacional Soares dos Reis serão as novas "salas de aula" da U.Porto. A quarta disciplina decorrerá no Jardim Botânico do Porto.

Aqui, o desafio é saber mais sobre o desenho e o cultivo da biodiversidade. "Os estudantes — explica Fátima Vieira — desenvolverão a sua capacidade de identificação de espécies botânicas e aprenderão sobre o seu cultivo e sobre formas de desenho de jardins e sua manutenção, esperando-se que se tornem promotores da biodiversidade cultivada, compreendendo o importante papel que os jardins cumprem enquanto sumidouros de carbono".

A quinta disciplina dirige-se exclusivamente a quem estuda medicina, medicina dentária ou medicina veterinária. Objetivo? Procurase, com esta disciplina, desenvolver a capacidade de observação visual dos futuros profissionais de saúde, nomeadamente no que toca à análise das morfologias, mas

Qualquer aluno de uma das 14 faculdades que integram a **Universidade do Porto** tem a oportunidade de abraçar as novas disciplinas de competências transversais

também de comunicação visual.

Fátima Vieira considera que estas disciplinas de competências transversais, que "convidam os estudantes a atravessar os muros da academia e a explorarem caminhos aparentemente distantes da sua área de formação", serão essenciais para "a sua formação holística, ao mesmo tempo que os prepararão para trabalhar em rede com outras instituições". Mas não só. A Universidade é também uma escola de formação para a cidadania. Fátima Vieira destaca o seu papel na preparação integral dos estudantes, o que só poderá acontecer, se, adianta, "para além da formação específica dos diferentes cursos, abrirmos para os estudantes novas perspetivas sobre o mundo".

Trabalhar com encenadores e atores do Teatro Nacional S. João ou mergulhar na diversidade da museologia no Museu Nacional Soares dos Reis é, sem dúvida, uma perspetiva inspiradora.

Sustentabilidade é a chave para o futuro, diz Maria João Escudeiro, do Politécnico de Lisboa P2

ESTRATÉGIA

Ensino superior europeu passa pelo Politécnico de Leiria

O JE Universidades foi conhecer a RUN-EU, universidade europeia liderada pelo IPLeiria, numa altura em que Bruxelas recomenda o reforço da cooperação. **■ P2**

ENTREVISTA

"Exportar ensino superior executivo é para nós crítico"



José Crespo de Carvalho Presidente do Iscte Executive Education

A internacionalização é uma prioridade para a Escola, que também quer liderar a mudança. Passo nesse sentido é o lançamento do MBAin Sustainable Management. ■ P4

CIÊNCIA

Docente do IPVC ajuda a criar software e têxteis com repelentes P6

CASE TEACHER 2022

Nuno Fernandes, é o melhor professor do mundo no método do caso P7

Sustentabilidade: a chave para o futuro



Vice-presidente do Politécnico

termo "sustentabilidade" não é novo, tornou--se num conceito tangível nos últimos 40 anos. Este faz, hoje, parte do nosso léxico e é utilizado com uma frequência e recorrência que nos desperta a atenção. Nestas circunstâncias, importa verificar o que está implícito no uso de tal conceito. De acordo com o dicionário da língua portuguesa, a Sustentabilidade pode ser definida como um "modelo de sistema que tem condições para se manter ou conservar".

Curioso é constatar que, pese embora este conceito tivesse sido durante anos associado apenas à dimensão ambiental, nada se refere sobre este facto na definição do mesmo. Falar de sustentabilidade é, como referido, ter um foco no futuro, visto que ser sustentável se tornou um adjetivo de desenvolvimento. Há correntes que defendem que quando aplicado aos contextos organizacionais, pensar em sustentabilidade implica assumir um compromisso, simultaneamente, com o cumprimento do propósito da organização, com o planeta e com as pessoas, o chamado "Triple Bottom Line".

Outro conceito que está também na lista dos mais utilizados no nosso dia-a-dia, é o de algoritmo. Habitualmente usado na matemática e nas ciências da computação, este permite fazer referência a uma sequência finita de ações executáveis, visando obter uma solução para um determinado tipo de problema. Se atualmente tais sequências compostas por múltiplas ações estão presentes em inúmeras esferas da nossa vida, talvez encontrar uma que desse resposta ao desafio da sustentabilidade fosse merecedora de um Prémio Nobel.

Gerir sustentabilidade consiste num conjunto complexo e embrincado de decisões sobre a alocação de recursos, que implica inúmeras áreas, variáveis, pessoas, decisões, ações, estratégias, caminhos - individuais, das organizações e da sociedade. Na falta de um algoritmo

que nos consiga apresentar a melhor resposta, considerando as variáveis a ter em conta e a experiência adquirida, continuamos a procurar as melhores respostas para a temática da sustentabilidade, por vezes numa lógica de tentativa erro. Falamos não só de um termo, um conceito teórico, um compromisso, mas, acima de tudo, do desafio do futuro, que irá assegurar, como refere o Relatório Brundtland das Nações Unidas, "our common future".

A educação assume um papel fundamental para promover comportamentos, que contribuam para uma sociedade mais sustentável. Neste sentido, as instituições de ensino superior têm uma responsabilidade acrescida, pois, pela sua natureza, assumem uma função relevante na formação e capacitação dos indivíduos, futuros decisores, profissionais e líderes de opinião.

O Politécnico de Lisboa (IPL) assume a sua responsabilidade neste âmbito, seguindo um modelo de desenvolvimento assente na inovação científica e tecnológica e na cooperação com a sociedade, consciencializando os seus estudantes e propondo soluções. Como tal, tem sido realizado um investimento na implementação e transmissão de boas práticas a toda a comunidade académica e envolvente. Anualmente, é determinada a pegada ecológica da comunidade IPL, tendo-se verificado que, no último ano, esta diminuiu (0,81 gha - global hectar). Acreditamos que este resultado decorre das medidas de prevenção associadas à pandemia, mas, certamente, reflete também as várias ações na área da educação para a sustentabilidade, que visam contribuir para um futuro mais próspero.

A educação assume um papel fundamental para promover comportamentos, que contribuam para uma sociedade mais sustentável



ESTRATÉGIA

Ensino superior europeu passa pelo Politécnico de Leiria

Numa altura em que Bruxelas recomenda o reforço da cooperação, o JE Universidades foi conhecer a RUN-EU, universidade europeia que junta sete instituições de seis países e é liderada pelo IPLeiria.

ALMERINDA ROMEIRA

aromeira@jornaleconomico.pt

A Comissão Europeia adotou uma proposta de recomendação do Conselho sobre uma maior cooperação a nível do ensino superior europeu. Rui Pedrosa, presidente do Instituto Politécnico de Leiria, que lidera uma das 41 alianças de Universidades Europeias, aplaude. "Na verdade, os grandes problemas societais são globais e só com redes colaborativas internacionais

fortes e suportadas pela ciência e pelo conhecimento é que será possível ultrapassá-los", afirma ao JE Universidades.

O Politécnico de Leiria lidera uma das 41 Universidades Europeias e faz parte dos 5% das Instituições de Ensino Superior (IES) da Europa que integram estas redes pioneiras e transformadoras do ensino superior. Além do IPLeiria, estão envolvidas nesta iniciativa uma dezena de instituições portuguesas. As Universidades de Aveiro, Lisboa e Porto integraram a lista inicial dos 17 consórcios aprovados por Bruxelas, a que se juntaram, na fase seguinte, 24 redes em que participam os Institutos Politécnicos do Porto, de Setúbal e do Cávado e do Ave (IPCA que integra o projeto com o IPLeiria), bem como as Universidades de Coimbra, Lusófona e Beira Interior.

Estas alianças transnacionais de estabelecimentos de ensino superior de toda a União Europeia são dotadas de apoio financeiro dos programas Erasmus+ e Horizonte



2020, partilham uma estratégia de longo prazo e promovem os valores e a identidade europeus. Estão empenhadas em reforçar a mobilidade dos estudantes e do pessoal e promover a qualidade, a inclusão e a competitividade do ensino superior no espaço da UE.

Nesta edição, o JE Universidades dá a conhecer a Regional University Network (RUN-EU). Liderada pelo Politécnico de Leiria, é constituída por sete instituições de seis países, o que espelha a sua diversidade. Embora diferentes, têm em comum a dimensão. Eis os parceiros: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, portugês; Technological University of the Shannon: Midlands Midwest (TUS), da Irlanda; Széchenyi István University (SZE), da Hungria; Häme University of Applied Sciences HAMK, da Finlândia; NHL Stenden University of Applied Sciences, da Holanda; FH Vorarlberg University of Applied Sciences, da Austria.

Na primeira assembleia geral da RUN-EU, recentemente, realizada na irlandesa TUS, foi lançado um projeto que visa consolidar a cooperação entre os membros da rede nas áreas da investigação e inovação. Tem o nome "RUN-EU+" ou RUN-EU PLUS, abreviatura de RUN-EU Professional Research Programmes for Business and Society e envolve um investimento de cerca de dois milhões de euros, financiados pelo programa Horizonte 2020, durante os próximos três anos. Que iniciativas estão na

"O projeto RUN-EU+ iniciou em outubro de 2021 com um plano de trabalho que reforça a capacidade dos investigadores, a cooperação das equipas internacionais de investigação e a aceleração da adoção de políticas de ciência aberta no âmbito da Universidade Europeia RUN-EU", explica Rui

"Neste âmbito — adianta— serão criados três novos cursos de mestrado e um programa doutoral de interface. Estes programas conjuntos serão organizados em estreita colaboração com empresas e instituições parceiras de todas as regiões e países da RUN-EU, per-



Presidente do Politécnico de Leiria, Rui Pedrosa

mitindo aos estudantes usufruírem de uma experiência de formação avançada imersiva, com trabalhos de investigação aplicados à resolução de problemas reais da sociedade e das empresas".

Para além de várias reuniões de trabalho dos parceiros internacionais, no âmbito do projeto RUN-EU+ foi realizada, em 14 de dezembro, a primeira Conferência Internacional Anual sobre Investigação Aplicada com as Empresas e a Sociedade (ICARUS). O evento envolveu cerca de 300 participantes, entre estudantes, bolseiros, professores, investigadores e parceiros empresariais e da sociedade, em torno da discussão sobre o desenvolvimento de programas de investigação aplicada, práticas de Ciência Aberta e sobre o desenvolvimento da carreira de investigador através da RUN-EU.

Sem muros, nem fronteiras

Bruxelas quer reforçar a dimensão europeia do ensino superior e da investigação, centrando-se nas carreiras académicas e de investigação e capacitando as universidades como motores do papel e da liderança global da União Europeia. A estratégia apresentada pela Comissão Europeia em meados de janeiro e debatida pelos ministros da tutela, entre os quais o português Manuel Heitor, na semana seguinte, em Paris, está, agora, em consulta nas IES.

O executivo liderado por Ursula von der Leyen adotou ainda uma proposta de recomendação do Conselho sobre uma maior cooperação a nível do ensino superior europeu, que "deverá facilitar o fluxo de conhecimentos e estabelecer uma ligação mais forte entre a educação, a investigação e comunidades industriais inovadoras". Na prática, é um convite para que os 27 tomem medidas e criem "condições adequadas a nível nacional que permitam uma cooperação transnacional e desenvolvimento de atividades conjuntas de educação e investigação".

A cooperação agrada a quem está no terreno. "Vemos com muito bons olhos o alargamento e o reforço da rede colaborativa europeia em torno das Universidades Europeias", diz o presidente do Politécnico de Leiria.

"È fundamental — afirma alargar a rede para acelerar todos os processos de transformação, quer seja no âmbito da inovação pedagógica, na flexibilidade curricular, nas formações curta avançadas e nos microcréditos, nomeadamente associados à requalificação e qualificação avançada ao longo das carreiras profissionais, nos graus europeus (double ou joint degrees), bem como na criação de ecossistemas de inovação transformadores".

Para Rui Pedrosa, o caminho está trilhado, é irreversível e há que aprofundá-lo. "Temos de ser, cada vez mais, instituições de ensino superior sem muros e abertas", diz, concluindo: "esta é mais uma oportunidade de demonstrar abertura, valores comuns e espírito coletivo europeu."■

Carreiras com impacto – "fazer a diferença" como fator de decisão



Gestora de Relações Corporativas do Careers @Nova SBE

uitos têm sido os eventos dos últimos tempos que vieram evidenciar sistemas que falham em configurar uma paisagem económica sustentável e inclusiva. Como reflexo, preocupações ambientais e sociais pendem cada vez mais na balança no momento de tomar decisões relativas à direção de carreira de muitos jovens profissionais, que buscam uma redefinição de sucesso, para algo que vise a sua contribuição na construção de uma economia e sociedade mais íntegra.

Novas gerações, que mais conscientes de como vivem, o que compram, e onde trabalham, traçam uma nova narrativa dos valores que definem como prioritários no momento de abraçar novos desafios profissionais, procurando muitas vezes por oportunidades que os aproximem, de alguma forma, a temas de impacto, responsabilidade social, e sustentabilidade.

A aposta na sustentabilidade não sobrevive sem se considerar o sucesso de modelos de negócios com fins lucrativos. Muitas organizações e indústrias têm vindo a desenvolver esforços para uma linha de atuação mais ética e responsável: umas através da implementação ou fortalecimento das suas políticas de responsabilidade corporativa; outras restruturando o seu modelo de negócios, figurando pequenos passos em direção a um conceito de sucesso do qual qualquer colaborador possa sentir-se bem em fazer parte.

È urgente um compromisso sério por parte do sector empresarial a este respeito, mas é também importante reconhecer o papel que as instituições de ensino têm no desenvolvimento de futuros jovens profissionais enquanto veículos que transportam ideias de impacto, propósito e dignidade, para o seio das empresas.

Organizações podem ser redesenhadas quando pessoas se juntam, com determinação suficiente para começar a mudar o curso de ação, mas, para tal, é importante que a abertura ao mundo seja fomentada numa fase precoce do percurso dos indivíduos, ainda enquanto alunos, e se apoie no desenvolvimento do espírito crítico e, em especial, que se comece cedo a reavaliar a definição do que é uma carreira com "impacto".

Possivelmente uma parte do segredo está na curiosidade, no questionar, na habilidade de ouvir e num olhar atento. Aqui as Universidades têm a oportunidade de fomentar um ambiente de suporte nesta autodescoberta, através de iniciativas que exponham os alunos a realidades que diferem daquela que idealizaram. O aconselhamento de carreira, a disponibilização de programas de mentoria, e a criação de momentos de networking podem contribuir para debate da definição de impacto que talvez deva começar nas perguntas mais simples: "qual é, afinal, a minha visão de impacto? De sustentabilidade? Que valores são importantes para mim?".

A esperança é que todo este trabalho ajude quem está a entrar no mercado de trabalho a reconhecer que cada um tem parte da responsabilidade de criar o movimento de mudança que quer ver, e que tal envolve um compromisso constante em prol daquilo em que acreditamos, mas também que as predefinições que temos de alguns conceitos devem ser desafiadas e que podem mudar o curso da trajetória de cada um. O impacto é um termo muito mais abrangente do que inicialmente se julga e pode assumir inúmeras formas - não se resume apenas ao trabalho social e am-

Sabendo que, independentemente do desafio profissional, diariamente haverá oportunidade para fazer diferente e que é possível ter um papel ativo em prol de planeta mais sustentável e uma sociedade mais inclusiva, a direção possível é a de avaliar toda a cadeia corporativa, desde a contribuição individual, à estratégia empresarial, e identificar as possíveis oportunidades de fazer a diferença para um mundo melhor. ■

ENTREVISTA | JOSÉ CRESPO DE CARVALHO | Presidente do Iscte Executive Education

"Exportar ensino superior executivo é para nós crítico"

A internacionalização é uma prioridade para o Iscte Executive Education. José Crespo de Carvalho, o presidente, também quer a Escola a liderar a mudança e dá mais um passo nesse sentido com o lançamento já em abril do pioneiro MBA in Sustainable Management.

ALMERINDA ROMEIRA

aromeira@jornaleconomico.pt

José Crespo de Carvalho, presidente do Iscte Executive Education, acumula a sua carreira na academia com grande proximidade às empresas foi administrador de várias, entre as quais a CGD, onde presidiu à Comissão de Risco. Licenciado em Engenharia pelo Técnico e doutorado em Gestão, pelo ISCTE-IUL, onde também fez o MBA, é professor catedrático, mas adora estar do lado de cá da sala de aula, como o comprovam as numerosas formações complementares em Gestão que fez em escolas de topo mundiais. Nesta entrevista, fala-nos da estratégia do Iscte Executive Education, da sua oferta inovadora e da internacionalização, que coloca no topo das prioridades. Dá-nos também a sua perspetiva sobre a geração de ouro que está a emigrar, a importância da formação ao longo da vida e o dilema que enfrentam as áreas tecnológicas, onde faltam cursos, professores e pessoas com apetência tecnológica e quantitativa. Um olhar sobre o presente e o futuro.

Consegue ilustrar a Universidade do futuro numa imagem? O que vemos?

Veremos pessoas, relações, tecnologia. Veremos conhecimento. Veremos transmissão de conhecimento. E veremos muitos e novos formatos para essa transmissão.

Em que medida é fundamental para humanizar um mundo cada vez mais tecnológico, digitalizado e... pessimista?

Não acredito que o mundo seja pessimista. Cada um de nós pode ser mais ou menos pessimista, mas, no global, se o pessimismo se sobrepusesse ao otimismo ou ao realismo das coisas realizadas não haveria avanço, não haveria inovação. Acreditar é o segredo. Trabalhar em conjunto é chave. Os resultados, dessa forma, chegarão. O mundo é bem diferente hoje do que era há cem ou mil anos atrás. Evoluímos, no final. Tem havido ao longo de anos, muitos anos, milhares de milhões de conquistas para a humanidade. A universida-

de é tão-só um primeiro ponto, em idade, de encontro da pessoa consigo mesma (mais a sério), da pessoa com o conhecimento amadurecido, da pessoa com outras pessoas diferentes e complementares, da pessoa com ideias opostas, da pessoa com os seus mestres e porventura exemplos (que grandes são as obrigações dos professores), da pessoa com a abolição da escravatura que é o desconhecimento. A universidade é uma porta incrível para o mundo. Para a vida.

Numa entrevista recente, o professor Daniel Traça, da Nova SBE, disse-nos que a Universidade que não liderar a mudança ficará irrelevante, o seu sucesso será medido pelo impacto na sociedade.

Concorda com a perspetiva? Julgo que sim, mas precisaria de saber mais sobre a questão e a resposta. A relevância de uma universidade mede-se pelo seu mercado, pelos seus alunos atuais e pelos alumni passados. Pelas empresas e organizações com que trabalha e trabalhou. O impacto, então, mede-se. A questão para mim é o que significa liderar a mudança porque é demasiado vago. Obedecendo a quê? Mudar o quê? Que mudanças em concreto? Há muito a mudar, certamente. Mas cada qual com a sua estratégia, quer com a sua estratégia e o seu "kernel" estratégico de análise, formulação e ação quer com o que pretende para a sua organização e para a sociedade.

A formação de executivos é um caminho mais aberto para entrar na universidade e mais universal. Todos podem vir, tenham ou não os requisitos de base impostos e que são mais universais

O que é o Iscte **Executive Education?** Pode traçar o retrato?

O Iscte Executive Education é uma associação privada de utilidade pública, sem fins lucrativos, com 33 anos de existência (pioneira em Portugal) que faz a formação de executivos do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, i.e., que pertence ao universo ISCTE, universidade, e que com o ISCTE consolida contas (faz parte do perímetro fundacional), mas também pertence a um conjunto de empresas/organizações instituidoras, entre as quais a EDP, a Auchan, a TAP, os CTT, a Unipartner, a Caixa Geral de Depósitos, o Millennium BCP, o IAPMEI, o Metropolitano de Lisboa, a Altice e a Ordem dos Engenheiros. Dito isto, o ISC-TE Executive Education é o veículo dentro do universo ISCTE - IUL, que faz a formação de executivos e tem no seu portfolio os MBA's, os Executive Masters, os Mestrados de caráter aplicado (profissionais), as pós-graduações, os programas "Advanced" ou "Applied" e os programas de curta duração a que chamamos "Boost", todos estes na área de "open enrollment". Depois temos a área de formação à medida para empresas, a que chamamos "corporate solutions", e ainda uma área de consultoria aplicacional e estudos institucionais.

Num momento crítico de desenvolvimento do país, como se está a posicionar a Escola para enfrentar esse desafio?

O Iscte Executive Education tem três pilares fundamentais onde assenta a sua estratégia: Internacionalização, catálogo em oferta "open" e "corporate solutions". O posicionamento é uma derivada destes três pilares. É uma perceção dos mercados sobre a combinação destes três pilares: essa percepção resulta, naturalmente, numa posição dos produtos/mercados.

É natural que o internacional não se veja em Portugal e aos olhos do mercado nacional, mas está a ter um papel cada vez mais estruturante. Exportar ensino superior executivo é para nós crítico.

O pilar novas apostas e cursos em "open enrollment" é bem visível e

basta consultar a nossa página web para perceber que abrimos "Advanced Programs, Applied Programs" (estes dois como pós-graduações) e "Boost Programs". Reforçámos as especializações. E, para além destes reforços, apostámos com o ISCTE e a IBS - Escola de Gestão do ISCTE-IUL, em mestrados de caráter profissional de um ano e 60 ECTS.

Para além disso, estruturámos uma Global Academy onde temos produtos de dupla certificação/titulação com universidades, digamos, "Ivy League", como Stanford, MIT, Oxford e Harvard com quem firmámos parcerias. E estruturamos para empresas cursos, parte com exposição internacional às melhores escolas e parte com aplicação a problemas concretos das empresas, desenvolvida por nós.

Parcerias?

Temos vários parceiros críticos onde a Lisbon Digital School é um deles para a área do Marketing Digital, mas também com escolas internacionais onde figuram por exemplo uma ISDI espanhola ou uma Rennes em França. A Anglia Ruskin University (301° do ranking global de universidades THE), no Reino Unido, levou-nos a fazer uma parceria muito sólida que nos custou bastante tempo em negociações, mas que permite termos neste momento várias duplas titulações. Como exemplo, um aluno nosso, Iscte Executive Education, pode fazer uma parte do programa aqui e completá-lo na ARU (num modelo que permite continuar a trabalhar em Portugal ou noutro lado do mundo) tendo dupla titulação. E grau académico também, concedido pela ARU no Reino Unido. Estamos ainda a exportar para a Turquia, para o Egipto, para o Irão, para os EAU, até para os EUA. E, claro, para o Brasil e para todos os Palop's. E temos uma operação que se vai alargando mais e mais com a China e que dura há mais de 10 anos.

Que novidades vão lançar este ano?

Diria que há três fundamentais.

Vamos por partes.

O MBA em Sustainable Management, aposta de futuro mas que





queremos muito fazer e que começa no final de abril de 2022. Acreditado pela AMBA. Talvez até para liderarmos, como foi referido em questão anterior, a mudança — cá está, a sustentabilidade é para nós um dos elementos mais críticos dessa mudança e não podemos esquecer que temos um sistema global de sustentabilidade no ISCTE-IUL que nos leva a sermos líderes incontestados nesta área. Aliás, pensamos que estas apostas são tão de futuro que o próprio Financial Times terá de introduzir muito brevemente nos critérios dos seus rankings, precisamente critérios de sustentabilidade. Basta ir ao Times Higher Education para vermos em termos de sustentabilidade onde nos posicionamos.

As outras?

Um segundo, e reforçando, é a aposta na Global Academy com dupla titulação por universidades de reconhecido mérito global: Oxford, Stanford, Harvard e MIT. Temos cursos conjuntos, ISCTE Executive Education e estas universidades, dirigidos a empresas onde qualificamos quadros em sustentabilidade, liderança, transformação digital, inovação e que são modelos claramente "cutting-edge" de conceptualização e implementação dos vários projetos das próprias empresas.

Em terceiro lugar e em parceria com o ISCTE-IUL e a escola de Tecnologias ISTA, temos também um novo mestrado profissional em Tecnologias Digitais para o Negócio, que permite juntar AI, Machine Learning, IoT, Cloud Computing, Blockchain, entre outras tecnologias, e liderança, gestão e desenvolvimento de pessoas e gestão da mudança. Dá 60 ECTS e mestrado em apenas um ano, compatível com o trabalho corrente e com projetos de tese aplicados a empresas. As empresas são nossas parceiras privilegiadas neste modelo que começará já em março de 2022.

Nessa oferta destaca-se este MBA in Sustainable Management. É uma aposta na gestão verde?

Não é na gestão verde. É na gestão sustentável. Muito mais que verde. Alinhado com as melhores práticas de gestão e endereçando os vários ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. É pioneiro. E é o sinal da liderança para mudança que queremos fazer acontecer.

Há mercado para um programa desta natureza ou a internacionalização joga aí um papel?

O mercado fala mais alto do que opiniões. Deixemos o mercado falar. Mas se fizermos apenas e só o que o mercado paga, i.e., noção de valor transacional no curto prazo, talvez não possamos fazer a liderança mutacional que precisamos e preconizamos. As universidades são muito mais que isso.

Na escala de um a cinco, que lugar ocupa a internacionalização na estratégia da Escola?

5. Fácil. Já o disse atrás. Aliás, esse é talvez o pilar mais relevante neste momento. Em internacional não estamos nem nunca estaremos satisfeitos. A internacionalização é absolutamente crítica para o ISCTE Executive Education. E aqui temos uma enorme, enormíssima ambição. Portugal configura um mercado pequeno demais para aquilo a que legitimamente ambicionamos.

Que relação tem o Iscte Executive Education com o tecido empresarial português?

Fomos criados pelo ISCTE e por 12 empresas/organizações. Acho que isso diz tudo sobre o que é a nossa relação com o tecido empresarial há 33 anos. Enorme. E sempre em ascendente.

Que considerações lhe merece o Plano de Recuperação e Resiliência?

Parece-me um bom plano que traz associada uma ajuda monetária crítica. Na minha opinião, porém, e já o disse várias vezes em vários contextos, não é uma ajuda tremenda porque o dinheiro é equivalente ao que perdemos em PIB no primeiro ano da pandemia. Mas é uma sorte tê-lo, sem dúvida. Há, não obstante, uma questão de base que me parece estar por resolver mas que não tem a ver com o plano em si. Os projetos, vamos esperar que com dimensão e impacto, deviam ter sempre na base a resposta fundamental a uma questão que quase sempre fica por responder em Portugal: são mesmo necessários? Para quê e para quem? Cada projeto no contexto do PRR deveria ter isto muito bem explicadinho. E isto é crítico para Portugal. Sempre foi. E sei que não é politicamente correto o que estou a dizer.

A formação ao longo da vida é uma nova pressão sobre as pessoas trazida pela sociedade baseada no conhecimento que emergiu o século XXI. Como está a Escola a responder a este desiderato?

Não tenho nada a sensação de que seja uma pressão. É uma necessidade face ao contexto e aos tempos que se vivem. Repare que não estamos apenas a competir connosco próprios. Já estamos em muitas áreas a competir com tecnologia. Isso impõe um conhecimento do que devemos e podemos fazer, e onde apostar, muitíssimo superior. Mal será se uma pessoa, hoje, não tiver como central na sua vida aprender. Conhecer. Ter curiosidade intelectual. Aí sim, se não tiver nada disto passará a ser irrelevante. E irrelevante é aquilo que nenhum de nós quer ser, penso eu.

Acrescento que a formação de executivos é um caminho mais aberto para entrar na universidade e mais universal. Todos podem vir, tenham ou não os requisitos de base impostos e que são mais universais. E o caminho transforma e vai abrindo novas exigências e mostrando, inclusive, novas oportunidades. Repare que um trabalhador experiente pode entrar aqui com o liceu e sair do ISCTE, universidade, com licenciatura ou mestrado.

E com um conhecimento e uma experiência acumulados muitíssimo ricos.

É frequente ouvirmos empresários queixar-se que não encontram pessoas com as competências que precisam. O ensino superior tem os cursos "certos" para responder a isso?

Claro que tem. O problema é outro. Os empresários não pagam o suficiente aos recursos com as competências certas e eles emigram. Aliás, nós, universidade, somos os grandes responsáveis por ter formado esta geração de ouro que não quer ficar em Portugal e quer ser exportável. Quer sair. Por várias razões. Salariais, mas não só. Porque quer ver mundo, porque tem lugar lá fora, porque está preparada, porque é boa, porque é aceite, porque tem as qualificações. Se tem lá fora as qualificações também as terá cá em Portugal. Consigo ver um mérito enorme nisto e não apenas as partes negativas. Mas voltando à questão, não tem acuidade. Se são boas competências para fora de Portugal também o serão para Portugal. E mérito para os empresários que tanto nos disseram durante tantos anos que devíamos aproximar-nos deles. Assim o fizemos e o resultado está à vista. Fizemo-lo bem demais.

Nas áreas tecnológicas, a pressão por talento português é enorme. Há cursos e vagas suficientes no ensino superior?

Não. Faltam cursos. Mas faltam também pessoas com apetência tecnológica e quantitativa. E faltam professores. Mas isso é um problema que vem de trás. Estigmatiza-se o raciocínio quantitativo e as tecnologias e os alunos fogem dele. Os métodos de ensino destas áreas não são os melhores. Felizmente temos também escolas alternativas aos formatos universitários onde é possível formar pessoas de tecnologia.

Portugal tem pela frente uma longa barreira demográfica, mesmo havendo cursos e vagas, poderá um dia não haver... alunos. Como antevê o futuro do país? Se pudesse lançar amanhã uma política pública mobilizadora e progressista, o que seria?

Estou na educação e ensino superior há uma vida. E nas empresas em paralelo. Está a fazer-me uma pergunta política logo, políticas avulsas não valem a pena. Ou se tomariam decisões estruturais, com largas maiorias em que todos entenderiam e apoiariam os porquês das coisas, ou não valeria a pena.

O que mais me parece ser conveniente neste momento é não taxar em sede de IRS os jovens quadros de elevado potencial até uma determinada idade como troca pela permanência. Obviamente que continuando a fazer descontos para a segurança social. E com um patamar máximo de anos de isenção. Depois há uma outra questão que é como saber quem são os jovens de elevado potencial. E aqui, não sendo fácil, acho que há formas de o fazer.



CIÊNCIA

Matemática portuguesa ajuda a criar software e têxteis com repelentes

Sofia Rodrigues, investigadora do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, integra a equipa que está a desenvolver software para prevenir surtos de mosquitos e peças de vestuário com repelentes. O projeto científico é europeu e termina em março de 2022.

ALMERINDA ROMEIRA

aromeira@jornaleconomico.pt

Basta uma picada. O mosquito fêmea precisa do sangue humano para alimentar os seus ovos, logo necessita de nos picar, e é nesse momento que se dá a transmissão da doença. O 'Aedes Aegypti', por exemplo, transmite a dengue. Já existe vacina, mas devido à complexidade da doença, que é composta por quatro serotipos distintos, a Dengvaxia- Sanofi não é aconselhada a toda a população e apenas deve ser administrada em zonas endémicas. No caso dos insetos mais perigosos, como esta espécie, quanto mais ferramentas de defesa melhor e nesse campo contamos com a ajuda da cência.

O projeto CostActions - Investigation and Mathematical Analysis of Avant-garde Disease Control via Mosquito Nano-Tech-Repellents tem como meta a criação de novos têxteis com repelentes e

um software para prevenir e combater doenças provocadas por mosquitos. Está a ser desenvolvido por um grupo de investigadores, entre os quais a portuguesa Sofia Rodrigues, professora e investigadora da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

"Este projeto não tem a intenção de eliminar a doença, mas sim promover mecanismos que a reduzam", afirma ao JE Universidades. Sofia Rodrigues explica: "ao criar produtos inócuos para os humanos, mas que contenham repelente para o mosquito, estamos a diminuir consideravelmente as picadas e, desta forma, a reduzir a probabilidade dos humanos contraírem a doença".

Estes produtos, adianta a investigadora, tanto podem ser peças de vestuário, como 'roll-on' na pele, telas para as janelas ou, mesmo redes para as camas. Todos eles e pelas mesmas razões, serão também

uma proteção contra doenças muito comuns nos trópicos como zika, chikungunya e febre-amarela.

O projeto é financiado pela União Europeia no âmbito da COST European Cooperation in Science and Technology, criada em 2017 para financiar atividades de colaboração transnacional num sistema de redes de investigadores com livre acesso e 'bottom-up', em todos os domínios científicos e tecnológicos.

A equipa é multidisciplinar en-



Sofia Rodrigues Professora e investigadora da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

volvendo investigadores de vários países que partilham ideias e trabalho desde 2017. "Na Cost Action — explica Sofia Rodrigues — tentamos agregar um conjunto de conhecimentos em torno da doença: matemáticos para fazer previsões, informáticos para criar plataformas de agregação da informação, engenheiros têxteis para produzir novos tecidos, engenheiros químicos para criar soluções repelentes do mosquito. A grande vantagem de um projeto destes é juntar conhecimentos distintos que geralmente ficam separados pela sua área de ação".

O projeto de investigação termina em março próximo, sendo o passa seguinte a produção. Sofia Rodrigues recorda que, a nível militar, as tropas norte-americanas e europeias já usam camuflados impregnados com repelentes quando vão para países mais tropicais. No mundo da moda será, além do mais, uma novidade.

Combater a dengue na República Dominicana

O envolvimento no projeto CostActions e as publicações científicas estão a levar Sofia Rodrigues para longe... a investigadora da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo integra, neste momento, uma equipa multidisciplinar que está a trabalhar com médicos na República Dominicana para desenvolver uma ferramenta informática que possa prever, quatro a seis semanas antes, um surto de dengue.

Os resultados vão ser testados já no primeiro trimestre deste ano e Sofia Rodrigues acredita que será dado "um grande passo" na prevenção da doença. Este projeto pretende criar o desenho de um modelo preditivo de surtos de dengue e implementá-lo num sistema de inteligência artificial na região metropolitana da República Dominicana. O projeto envolve especialistas em Medicina. Matemática e Informática e é financiado pelo Fondo Nacional de Innovación y Desarrollo Científico y Tecnológico do país latino americano

Objetivo? Permitir que o Sistema Nacional de Saúde detecte precocemente surtos de dengue, recorrendo a dados climáticos e sociodemográficos. "Usando dados reais dos hospitais da Região Metropolitana da República Dominicana, e a monitorização em tempo real de variáveis climatéricas, como a precipitação, a temperatura e a humidade, é possível criar modelos matemáticos que prevejam com alguma fiabilidade a emergência de um surto dentro do espaco temporal de duas a quatro semanas", explica a investigadora. Desta forma, os serviços hospitalares poderão estar melhor preparados para o acréscimo de casos de dengue. Também a população poderá precaver-se para evitar contrair a doença.

INOVAÇÃO

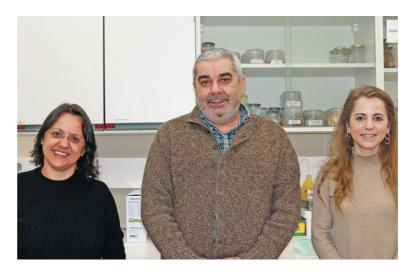
UC no desenvolvimento de produtos para controlo do mosquito

ALMERINDA ROMEIRA aromeira@jornaleconomico.pt

É mais um avanço da ciência em língua portuguesa. Investigadores da Universidade de Coimbra (UC), da Universidade Federal da Bahia e da Fundação Oswaldo Cruz, no Brasil, desenvolveram "um conjunto de produtos inovadores de origem natural, seguros e de baixo impacto ecológico", para controlar a proliferação das espécies de mosquito responsáveis pela transmissão de doenças como dengue, zika, chikungunya, febre amarela e fe-

bre do Nilo Ocidental. A equipa multidisciplinar é coordenada por Hermínio Sousa, do Centro de Investigação em Engenharia dos Processos Químicos e dos Produtos da Floresta da Universidade de Coimbra, e envolve as também investigadoras do Centro: Mara Braga, Marisa Gaspar, Ana Dias e Carla Maleita.

O resultado do projeto, que decorre há quatro anos, com financiamento da portuguesa FCT e do CAPES brasileiro, é a criação de duas gamas de produtos. Uma para eliminar as larvas em água e outra para ser utilizada em armadilhas



de captura de insetos. Na base dos produtos estão óleos naturais extraídos de plantas nativas do Brasil e da Ásia, combinados com polímeros biodegradáveis, e o recurso a técnicas e solventes "verdes" e de baixo impacto ambiental.

Os testes em laboratório revelaram que os produtos são uma alternativa eficaz aos larvicidas e inseticidas sintéticos. "As formulações já desenvolvidas demonstraram ser eficientes em termos das suas atividades larvicidas para o 'A. Aegypti', seguras e de baixo impacto ecológico", afirma Hermínio Sousa.



Miguel Poiares Maduro

Lidera Católica Global School of Law

"Investigar e ensinar é aquilo que mais me define. A política é um exercício cívico de participação pública que pode ser feito de formas diferentes, mais ou menos intensas, ao longo da vida. Mas a minha profissão e aquilo que me define intelectualmente é ser professor" diz Miguel Poiares Maduro ao JE Universidades O professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa, membro do PSD e antigo ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional, assume aos 55 anos de idade uma nova responsabilidade na academia: Diretor da Católica Global School of Law da UCP, Escola onde é co-coordenador do LL.M. Law in a European and Global Context e titular da Cátedra VdA em Digital Governance A internacionalização da Católica

Global School of Law será a sua

aprofundamento de um caminho já iniciado e que conhece bem. Doutorou-se em Direito no Instituto Universitário Europeu, em Florença, Itália, onde ensinou e foi Diretor do Programa de Global Governance. Como docente lecionou em várias instituições, entre as quais a norte-americana Universidade de Yale, onde foi professor convidado. Entre 2003 e 2009 foi advogado geral no Tribunal Europeu de Justiça no Luxemburgo. Diz-nos: "cada vez mais os investigadores e professores têm uma responsabilidade em transferir conhecimento para o espaço público, embora isso não tenha de assumir formas de participação política partidária. A política, por sua vez, ganharia muito se prestasse mais atenção ao método e qualidade dos processos de decisão como exige a ciência". AR

prioridade, o que passa pelo



Ana Taveira da Fonsec

Dirige Escola de Direito de Lisboa da FD da Católica

Ana Taveira da Fonseca, 41 anos é a nova e primeira Diretora da Escola de Lisboa da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa. Faz questão de esclarecer que a liderança feminina não é uma novidade na Faculdade, que a Escola integra, lembrando que Maria da Glória Garcia, primeira reitora da Católica, encetou o seu caminho de liderança justamente na Faculdade de Direito. No entanto, na Escola cabe-lhe a ela. "È verdade que, até aqui, todos os diretores foram homens – explica – Porém, essa coincidência é a consequência natural de, noutros tempos, o curso de Direito ter menos raparigas do que rapazes a ingressar nele. A tendência inverteu-se, felizmente, nos últimos 30/35 anos, Isso determinou que mais mulheres fossem escolhidas para docentes das Faculdades de Direito e possibilitou que estas fossem

progressivamente assumindo lugares nas respetivas Direções". Apesar da pouca idade, Ana Taveira da Fonseca não é uma estreante em funções de liderança, uma vez que integra a Direção da Escola de Lisboa, desde janeiro de 2015. Muitas das funções que agora desempenha não lhe são estranhas. Porém, até aqui, estava principalmente concentrada na coordenação dos programas de mestrado e passa. agora, a acompanhar todos os projetos da Escola. Mais pesado? "Sinto a rsponsabilidade, perante os nossos alunos, professores e colaboradores, de inovar. mantendo as características que individualizam a nossa Escola desde 1976". Num desafio que é grande, o seu principal receio é afastar-se nos próximos três anos, do ensino e da investigação que, "apesar de não menos exigentes, são funções especialmente gratificantes". AR

Breves

Ex-Aluna do IPVC cria carteira que alerta para desigualdade salarial no mundo



Eliana Barros decidiu arriscar e criar em março de 2021 a própria marca com base na sustentabilidade. A antiga aluna do Design do Produto na Escola Superior de Tecnologia e Gestão no Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), que se inspira no estilo minimalista francês, teve um golpe de génio uns meses depois quando a propósito do Dia Nacional da Igualdade Salarial, que se celebra em novembro, criou um novo modelo para "alertar" para esta problemática: a Carteira 2157. "Segundo um estudo do World Economic Forum apenas existirá paridade entre salários de homens e mulheres em 2157", salienta a jovem, revelando que foi essa data a fonte da sua inspiração. A carteira tem 135 anos de garantia, justamente os anos que faltam para a Humanidade atingir a igualdade salarial. É é feita à mão em Portugal e segue o padrão eco-friendly definido na empresa Ownever criada por Eliane, com recurso a 'bio-leather'.

Investigador do IPLeiria integra consórcio para a conservação dos ecossistemas

André Afonso, investigador do MARE do Politécnico de Leiria integra o consórcio MegaMove. A iniciativa junta investigadores de ecologia espacial de espécies marinhas, para a conservação dos ecossistemas marinhos através da mitigação estratégica de ameaças globais, sustentada num esforço científico universal e multidisciplinar.

Aluno da UMinho apela à urgência de legislação sobre pirataria marítima

Portugal precisa tipificar o crime de pirataria marítima no Código Penal, pois os detidos neste âmbito têm sido sucessivamente libertados. Isto conclui David Vasquez Barros na sua tese de mestrado defendida na Escola de Direito da Universidade do Minho, entretanto, publicada em livro.

É português o melhor professor do mundo no método do caso

ALMERINDA ROMEIRA aromeira@jornaleconomico.pt

Nuno Fernandes é o melhor professor do mundo a lecionar através do "case teaching" ou método do caso, em que os alunos tomam decisões baseadas em cenários reais. O professor de Finanças na IESE Business School, da Universidade de Navarra, que também preside ao Conselho de Auditoria do Banco de Portugal, venceu a edição 2022 da competição Outstanding Case Teacher, promovida pelo The Case Centre Awards and Competitions.

O caminho para aqui chegar é longo. Os nomes do professores começam por ser proposto por vários antigos alunos (MBA,



EMBA, formação de executivos) de todo o mundo. Na fase seguinte, a organização convida um pequeno grupo a candidatar-se e, por fim, um júri internacional escolhe o vencedor.

Nuno Fernandes ensinou durante uma década na escola de negócios suíça IMD e em Portugal dirigiu a escola de negócios Católica Lisbon School of Business and Economics. Especialista em finanças empresariais, corporate governance e risco em mercados emergentes acumula distinções e prémios, entre os quais a "Lamfalussy Fellowship", atribuída pelo BCE aos melhores investigadores em finanças do mundo. Em 2015 ganhou o prémio de melhor artigo do Journal of

Financial Intermediation.

PARCERIAS

Duplo mestrado junta Católica Porto e líder da gestão húngara

A Católica Porto Business School e a Corvinus University of Budapest firmaram uma parceria para o mestrado em Gestão, que permite a obtenção de dois diplomas em apenas dois anos.

ALMERINDA ROMEIRA aromeira@jonaleconomico.pt

A Católica Porto Business School lança um novo "double degree" internacional em Gestão, o terceiro no seu portefólio. Desta vez, a parceria envolve uma instituição de ensino superior húngara: a Corvinus University of Budapest, única escola de negócios deste país a figurar no Top 100 mundial do Financial Times dos mestrados em Gestão.

O "double degree" permite a obtenção de dois diplomas - um pela Católica Porto Business School e outro pela Corvinus University of Budapest. Para os alunos é uma oportunidade para uma experiência internacional numa das mais prestigiadas escola de negócios da Europa de Leste.

A seleção dos candidatos é efetuada pela Católica Porto Business School e comunicada à Corvinus University of Budapest. No primeiro ano do programa, os alunos devem frequentar as aulas em Portugal e no segundo na Hungria. A dissertação será realizada e apresentada na instituição de origem. O número de vagas é "muito limitado", o que requer à partida dos candidatos "um excelente currículo académico e científico".

Na Invicta, os alunos podem escolher ter aulas em português ou em inglês, embora seja recomendável que optem pelo segundo idioma. Em Budapeste, as aulas decorrem todas em inglês. A propina não aumenta com o "double degree".

Joana César Machado, Associate Dean for Global Education da Católica Porto Business School, ex-





Joana César Machado Associate Dean for Global Education da Católica Porto Business School

Mestrado de Finanças no CFA

A Católica Porto Business School é a mais recente Faculdade em Portugal a integrar o University Affliation Program do prestigiado CFA Institute, associação mundial de profissionais de investimento, através do seu Mestrado em Finanças. Os alunos têm agora acesso a informação e eventos exclusivos sobre temas financeiros

plica ao JE Universidades que o objetivo da sua Escola é estabelecer parcerias com instituições de elevada qualidade em toda a Europa, e não a concentração num país apenas. "Pretendemos ter uma colaboração próxima com um número reduzido de parceiros com grande reconhecimento internacional, de modo a promover um ambiente mais internacional no nosso campus e oferecer oportunidades relevantes de exposição internacional aos nossos estudantes", afirma.

O "double degree" do mestrado em Gestão com a Corvinus University of Budapest, junta-se aos já existentes na oferta formativa da Católica Porto Business School: Business Analytics, em parceria com a Aston Business School, e Gestão, Financas, Business Economics e Marketing, com a Lancaster University Management School.

"Damos prioridade ao desenvolvimento de programas de 'double degree' com parceiros com acreditação Triple Crown ou EQUIS, em diferentes países da Europa", adianta Joana César Machado. Além dos dois parceiros britânicos, a Escola de negócios do Porto da Católica tem uma parceria com a francesa NEOMA Business School, que goza da acreditação Triple Crown. A Universidade de Corvinus tem a acreditação EOUIS.

Gonçalo Faria, diretor do 2º Ciclo da Católica Porto Business School, destaca o alto valor acrescentado daquelas propostas para os alunos: "enriquecimento do curriculum em instituições com as mais elevadas acreditações internacionais, alargamento das suas redes e experiência internacional académica e pessoal de excelência". Tudo, em apenas dois anos. ■

Breves

Quatro portugueses ganham bolsas do **Conselho Europeu** de Investigação



Elvira Fortunato, Cecília Roque, ambas da Universidade Nova de Lisboa, Manuela Gomes (na foto), do Grupo 3B's a Universidade do Minho, e João Barata, que lidera o laboratório de Sinalização em Cancro no Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, da Universidade de Lisboa, vão receber uma bolsa no valor de 150 mil euros cada. Os cientistas lusos foram distinguidos pelo Conselho Europeu de Investigação por projetos ligados à eletrónica sustentável, ao cancro e à engenharia de tecidos. Os quatro portugueses estão entre os 166 investigadores europeus agora contemplados pelo Conselho de Investigação com estas bolsas, que totalizam 24,9 milhões de euros.

Faculdade de Medicina e IPO de Coimbra reforçam laços de cooperação

Apostar na investigação, na melhoria pedagógica, na formação e na prestação de serviços à comunidade na área da medicina dentária são as bases de um protocolo de cooperacão firmado entre a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e o Instituto Português de Oncologia de Coimbra Francisco Gentil. Pretende-se recuperar uma parceria estabelecida aquando da criação do curso de Medicina Dentária na Faculdade e que durante muitos anos permitiu aos alunos desenvolver rotações clínicas em vários serviços hospitalares, incluindo o IPO de Coimbra.

Maria de Lurdes Rodrigues reeleita reitora do ISCTE-IUL por mais quatro anos

A antiga ministra da Educação conquistou um segundo mandato à frente do ISCTE-IUL. Maria de Lourdes Rodrigues quer reforçar a participação e o envolvimento do Instituto nas áreas da coesão social e na transição digital e ambiental. "Através do seu ensino e da sua produção de conhecimento, o ISCTE vai continuar a contribuir para a modernização do país", afirma.

TURISMO SUSTENTÁVEL E BIOTECNOLOGIA

Diretor da ESTM anuncia dois programas doutorais

aromeira@jornaleconomico.pt

Sérgio Leandro tomou posse como diretor da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar do Politécnico de Leiria e anunciou um punhado de novidades. "Posso salientar o mestrado em Gastronomia e o mestrado em Economia Azul e Circular, que queremos abrir no próximo ano, ou as pósgraduações em Mergulho Científico, em Turismo Subaquático e em Wine Business".

Salientou também a recente



submissão do doutoramento em Turismo e Sustentabilidade, em parceria com a Universidade de Lisboa. Não será o único, adiantou. "Queremos ainda acrescentar outro programa doutoral na área da Biotecnologia e da Inovação, sempre em associação com parceiros nacionais e internacionais".

O plano de ação da direção liderada por Sérgio Leandro tem por base seis orientações estratégicas, das quais destacamos a diversificação do conhecimento como alavanca do desenvolvimento socioeconómico e a sustentabilidade, bem como a internacionalização.